## Um relicário de ditos

Minha mãe, Isaura Alves de Aquino (1915-2006), era um relicário de arcaísmos linguísticos, sobretudo de ditos populares. Ela sabia centenas deles e os evocava em situações ou contextos diversos. Para quase toda circunstância significativa, ela invocava um dito antigo. Não sei com quem ela adquiriu o seu acervo de ditados. Não sei se com a mãe dela, minha avó, ou com sua professora, com quem ela estudou até a 3ª série do antigo primário. O fato é que ela aprendeu ditados e os usou ao longo de sua vida.

Para minha mãe os ditados eram, sobretudo, um meio educativo, um apoio argumentativo, um repositório filosófico, uma sabedoria. Os ditados invocados por minha mãe versavam sobre temas diversos. Relembro alguns deles e as circunstâncias em que ela os dizia.

Se alguém seguia os vícios de seus antepassados, próximos ou distantes, ela interpretava: "Quem puxa os seus, não erra, herda" ou o conhecido "Filho de peixe, peixinho é". Ela acreditava na força da herança moral, no determinismo do sangue.

Se queria afastar seus filhos de companhias nocivas, minha mãe sentenciava: "Quem anda com os porcos, farelos come" ou "Diga-me com quem andas, e eu direi quem és".

Contra a excessiva perambulação pelas casas alheias, em visitas abusivas, ela advertia: "Boa romaria faz, quem em sua casa está em paz".

Concitando a contenção da língua, minha mãe ensinava: "Peru calado, ganha um cruzado. Peru falando, sai apanhando" ou repetia o conhecido ditado: "Em boca calada não entra mosquito".

Quando alguém incorria no veso da excessiva tagarelice, minha mãe advertia: "Passarinho que canta muito, caga no ninho".

Amiga do trabalho, ela abominava a preguiça indiciada no hábito de acordar tarde. Para ela a preguiça era um pecado mortal. Assim, se algum de nós acordava tarde, ela lembrava: "Lenha verde pouco acende. Quem dorme muito, pouco aprende."

Quando alguém era dado a meter-se em muitas confusões, mexendo com interesses alheios, ela lembrava: "Quem muitas pedras bole, uma lhe dá na cabeça".

Quando as circunstâncias exigiam que se prestasse deferência a alguém que, por si mesmo, não merecia tal atitude, mas que estava ligado a algo ou alguém merecedor de consideração ou deferência, minha mãe filosofava dizendo: "É por causa do santo que se beija o altar".

Por Francisco José Alves de Aquino Aracaju, julho de 2025